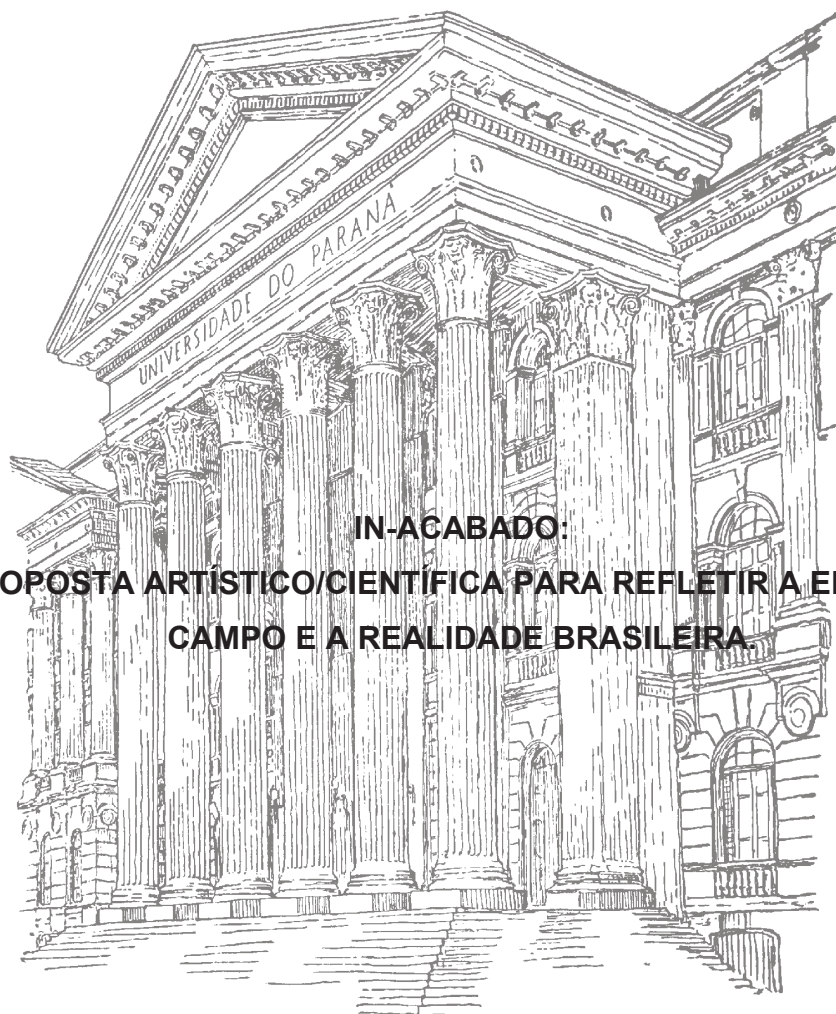


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNO AMARAL DA COSTA



**IN-ACABADO:
UMA PROPOSTA ARTÍSTICO/CIENTÍFICA PARA REFLETIR A EDUCAÇÃO DO
CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA.**

MATINHOS

2023

BRUNO AMARAL DA COSTA

IN-ACABADO:

**UMA PROPOSTA ARTÍSTICO/CIENTÍFICA PARA REFLETIR A EDUCAÇÃO DO
CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA.**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Especialização em
Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir
de seus Pensadores, da Universidade Federal do
Paraná, Setor Litoral.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Harder

MATINHOS

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **BRUNO AMARAL DA COSTA**, intitulada: **IN-ACABADO: UMA PROPOSTA ARTÍSTICO / CIENTÍFICA PARA REFLETIR A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO**, com conceito **APL** no rito de defesa. A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 09 de Dezembro de 2023.

EDUARDO HARDER
Presidente da Banca Examinadora

ANA ELISA DE CASTRO FREITAS
Avaliador Externo (UFPR - SETOR LITORAL)

ANDREA FRANCINE BATISTA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA ELISA DE CASTRO FREITAS
Data: 30/12/2023 08:33:44-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br EDUARDO HARDER
Data: 04/01/2024 12:17:55-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDREA FRANCINE BATISTA
Data: 28/12/2023 11:20:28-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Endereço: Rua Jaguariaíva, 512 - MATINHOS - Paraná - Brasil
CEP 83260-000

AGRADECIMENTOS

A todo corpo docente que nessa caminhada contribuíram para a construção dessa turma, em especial à Professora Andrea e ao Professor Beto pela coordenação muito solícita e humana e, também, pelos livros maravilhosos que nos foram presenteados.

A todos e todas as colegas que fizeram deste percurso uma caminhada conjunta também nos ideais.

As diretoras da Escola Bevinda de Miranda Lopes Correa, Márcia e Cíntia, que em várias etapas desta pesquisa cooperaram para que esta prosperasse.

Ao Professor Eduardo Harder, orientador desta pesquisa a quem, por respeitosa teimosia, só consigo tratá-lo como Professor, mesmo já sendo convidado a esquecer o título.

Ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, do Assentamento Contestado e a Escola Latino Americana de Agroecologia, por todo acolhimento e ensino.

Com muito carinho, agradeço aos meus pais, meu irmão, amigos e amigas e, com especial apreço, à minha amada companheira de todas as horas: Valéria.

A função da arte/2

O pastor Miguel Brun me contou que há alguns anos esteve com os índios do Chaco paraguaio. Ele formava parte de uma missão evangelizadora. Os missionários visitaram um cacique que tinha fama de ser muito sábio. O cacique, um gordo quieto e calado, escutou sem pestanejar a propaganda religiosa que leram para ele na língua dos índios. Quando a leitura terminou, os missionários ficaram esperando.

O cacique levou um tempo. Depois, opinou:

- *Você coça. E coça bastante, e coça muito bem.*

E sentenciou:

- *Mas onde você coça não coça.*

Eduardo Galeano

RESUMO

Este trabalho encerra uma revisão bibliográfica referenciada, majoritariamente, em Paulo Freire (2015), bem como, nos pensadores que refletiram sobre a realidade da educação do campo brasileira. Junto a esta revisão o presente trabalho utiliza de cinco produções artísticas, do campo das artes visuais, compostas sob influência das pedagogias freireanas e pelas vivências proporcionadas pela formação, com o intuito de oferecer uma forma inovadora para a análise das reflexões tidas no percurso formativo do curso de especialização em Educação do Campo por meio de seus pensadores da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Estas produções artísticas foram compostas utilizando os seguintes materiais: carvão, pastel seco, arte mista – grafite e nanquim, aquarela e óleo. Cada produção é acompanhada de uma reflexão crítica acerca de uma temática que compõe o desenvolvimento do corpo do estudo. Esta investigação acreditou na plasticidade da práxis artística como meio para a condensação dos conteúdos acadêmicos, para, desta maneira, oferecer uma linguagem que difira e, ao mesmo tempo, agregue a escrita acadêmica convencional para este trabalho de conclusão de curso.

Palavras chaves: Arte, Paulo Freire, Práxis, Educação do Campo, Processos criativos.

ABSTRACT

This work concludes a bibliographic review mainly referenced in Paulo Freire (2015), as well as in thinkers who reflected on the reality of Brazilian rural education. Along with this review, this work uses five artistic productions, from the field of visual arts, composed under the influence of Freire's pedagogies and the experiences provided by training, with the aim of offering an innovative way to analyze the reflections taken during the training course of the specialization course in Rural Education through its thinkers from the Federal University of Paraná – Litoral Sector. These artistic productions were composed using the following materials: charcoal, dry pastel, mixed art – graphite and ink, watercolor and oil. Each production is accompanied by a critical reflection on a theme that makes up the development of the body of study. This investigation believed in the plasticity of artistic praxis as a means of condensing academic content, in order to offer a language that differs from and, at the same time, adds to conventional academic writing for this course completion work.

Keywords: Art, Paulo Freire, Praxis, Rural Education, Creative processes.

RESUMEN

Este trabajo finaliza una revisión bibliográfica referenciada, en su mayoría, en Paulo Freire (2015), así como en los pensadores que reflexionaron sobre la realidad de la educación en el campo brasileño. Junto a esta revisión, el presente trabajo utiliza cinco producciones artísticas, del campo de las artes visuales, que fueron compuestas bajo la influencia de las pedagogías de Freire y de las experiencias que brinda la formación, con el objetivo de ofrecer una forma innovadora de analizar las reflexiones tomadas durante la formación del curso de la carrera de especialización en Educación Rural a través de sus pensadores de La Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Estas producciones artísticas fueron compuestas utilizando los siguientes materiales: carboncillo, pastel seco, arte mixto – grafito y tinta china, acuarela y óleo. Cada producción va acompañada de una reflexión crítica sobre un tema que conforma el desarrollo del cuerpo de estudio. Esta investigación creyó en la plasticidad de la praxis artística como medio de condensación de contenidos académicos, para así ofrecer un lenguaje no convencional en este trabajo de conclusión de curso.

Palabras clave: Arte, Paulo Freire, Praxis, Educación Rural, Procesos creativos.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Primeira atividade extensionista em terras brasileiras.....	17
FIGURA 2 – Luz dialética do conhecimento.....	20
FIGURA 3 – In-concluso.....	23
FIGURA 4 – Colcha mística.....	26
FIGURA 5 – Cesta celeste da terra sem males.....	28
FIGURA 6 – Homem Caranguejo.....	32
FIGURA 7 – Persistência da teoria.....	34
FIGURA 8 – Ilex paraguaiensis.....	36
FIGURA 9 – Trabalho de base.....	38
FIGURA 10 – O Parto.....	40

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
PROBLEMA.....	11
OBEJETIVO.....	11
Objetivo Geral.....	11
Objetivos Específicos.....	11
JUSTIFICATIVA.....	12
METODOLOGIA.....	13
Apontamentos sobre a educação do campo.....	14
Análise das obras	17
Primeira atividade extensionista em terras brasileiras	17
Luz dialética do conhecimento.....	20
In-concluso.....	23
Colcha Mística.....	26
Cesta celeste da Terra sem Males.....	28
Relatórios.....	30
Conclusões.....	42
Referências.....	43

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido tendo como objetivo principal a construção de uma produção artística visual, feita em série, que trouxesse arraigada em sua concepção, principalmente, a influência das pedagogias freireanas.

Acreditando que a arte possa oferecer uma forma outra de condensação e expressão dos conteúdos científico-sociais que a formação de cunho acadêmica tradicionalmente tem por linguagem, este trabalho objetivou produzir, por meio das artes visuais, criações de imagens que aspirem comunicar uma mensagem, e que por sua vez, nessa mensagem, seja possível suscitar algo da influência do educador-autor Paulo Freire.

Cada obra produzida traz uma análise que compõe o desenvolvimento deste trabalho. Esta apreciação é uma reflexão com fundamentação científica que estabelece uma relação conceitual com sua respectiva criação artística. Cada imagem também traz uma ficha técnica referente ao material artístico utilizado em cada composição. Os materiais utilizados na confecção das imagens são respectivamente: carvão, pastel seco, arte mista em grafite e nanquim, aquarela e óleo.

Este trabalho acredita que a plasticidade da arte pode oferecer, de forma estética e poética, um caminho para a condensação das reflexões ontológicas oferecidas pelo Curso de Educação do campo a partir de seus pensadores (EDUCRB). E a forma de expor estas ideias, esta simbiose entre cientificidade e arte, teria em seu cerne algo dialético. Como Paulo Freire retrata em sua concepção de práxis: na qual uma prática educativa, para atingir tal pressuposto, teria de unir em um tecido vivo a prática junto à teoria, teria que vincular possibilidades de reflexão junto à ação sobre o mundo com a intenção de transformá-lo, para que desta forma se semeie a esperança e a ação no sonho pela superação das explorações humanas (FREIRE, 2021).

O pressuposto da fragmentação do saber denunciada por Edgar Morin (2012) atesta para o fato de que a educação entre os cada vez mais diversificados campos de conhecimento estar, progressivamente, diminuindo a interação e retroalimentação entre os saberes e as práticas destes campos distintos. Diante esta dada realidade acreditamos que a arte, por meio de seu processo criativo, seja uma potente maneira

de criar pontes religando estes campos epistemológicos que se encontrem distantes (MORIN, 2012). O processo criativo empregado para se produzir uma obra artística, por mais subjetivo e personalístico que seja, age captando, agindo, recebendo e retroagindo diante as sensações captadas; misturando, também, a realidade subjetiva do olhar de cada artista (OSTROWER, 2013). É da própria natureza artística a junção dos elementos, como também é imperativo desta natureza rejeitar aquilo que arbitrariamente divide o que é, por natureza, conjunto.

Desta forma, esta pesquisa se lança ao desafio de oferecer uma linguagem artística que se some a escrita acadêmica no intuito de proporcionar novas alternativas na compreensão dos conteúdos reflexivos dos pensadores que retrataram a realidade brasileira, em especial, Paulo Freire.

1.2 PROBLEMA

Seria possível sintetizar de forma artística visual os ensinamentos oferecidos pelos processos educativos, centralizados na figura de Paulo Freire, junto às vivências sociais proporcionadas pelo curso de especialização?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Sintetizar conteúdos e vivências tidos no processo formativo por meio de construções artísticas visuais.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Construir cinco produções visuais sobre influência das pedagogias de Paulo Freire;
- Analisar cada obra por meio de um relato reflexivo pautados pelas perspectivas dos autores referenciais, dentro das normas científicas;
- Utilizar a arte como meio de expressão para contribuir na divulgação dos ensinamentos acadêmicos.

1.4 JUSTIFICATIVA

Formado no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, o autor desta pesquisa atua na escola de ensino fundamental Benvinda de Miranda Lopes Correa, na cidade de Pontal do Paraná, como professor de sua área de formação. Concomitante ao desenvolvimento das práticas pedagógicas na escola municipal o autor se desenvolve em algumas técnicas das artes visuais, sem trazer um curso formal de qualificação nesta área.

Enquanto que a primeira atividade encerra a profissão que dá base a sua subsistência, ao mesmo tempo em que cumpre com seu dever moral para com o modelo de sociedade em que acredita, a arte vem como elemento indissociável na trajetória da vida deste professor aspirante das artes.

Nesta trajetória com as artes muitas dificuldades de diferentes matizes acompanharam o processo formativo. Entre estes percalços, comuns na caminhada pelos sonhos, à dificuldade em adquirir materiais de qualidade para o desenho e pintura artísticos sempre foram uma barreira presente. Com a recente democratização ao acesso de materiais artísticos de melhores qualidades das artes visuais, o autor tem se dedicado ao desenvolvimento artístico em seu atelier, desfrutando do prazer e das possibilidades infinitas que estes recursos maravilhosos proporcionam.

Recentemente o autor teve a oportunidade de realizar a primeira ilustração de um livro a convite de seu escritor. Livro¹ este escrito por um artista local do litoral paranaense, Rodrigo Ayres, amigo do autor. Este romance narra a saga dos pescadores artesanais na luta contra a burguesia empresarial que, como toda burguesia de qualquer lugar do globo, está sempre ávida por novos territórios e poder. Com esta parceria o pesquisador teve a primeira experiência na construção de uma série de composições temáticas. E de certa forma esta experiência permutou a forma de criação até então aplicada pelo autor. Com esta profunda experiência de transformar as percepções do livro em uma linguagem visual o debutante ilustrador começou uma nova fase de sua caminhada com as artes visuais. E nesta nova fase o

¹ O livro em questão trata-se de "O Porto", de Rodrigo Ayres Pelanda.

autor passou a se preocupar com o desenvolvimento de uma narrativa para novas séries de produções.

As pedagogias de Paulo Freire, assim como o desenvolvimento artístico, vêm acompanhando a trajetória formativa do autor desde sua primeira formação acadêmica. Desta forma, o pesquisador deste trabalho científico opta pelo desafio de oferecer suas produções artísticas como meio de expressar as reflexões e vivências que o processo formativo do curso em Educação do Campo lhe proporcionara. Tudo isso junto a uma sustentação teórica que embase a narrativa escolhida para estas composições.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento desta pesquisa visa dar sustentação teórica para a construção das obras artísticas de desenhos e pinturas em série: In-acabado. Para tanto, este trabalho se apresenta como uma revisão bibliográfica referenciada, sobre tudo, em Paulo Freire, autor escolhido para ser a inspiração central da composição das obras artísticas visuais erigidas na perspectiva de formarem os frutos do trabalho de conclusão de curso, como pré-requisito pra obtenção de título de especialista em Educação do Campo e a Realidade Brasileira a partir de seus pensadores.

Dentre os renomados autores e autoras apresentados aos estudantes do Curso de Realidade Brasileira optamos pela escolha da vasta e densa obra de Paulo Freire, como tema central das pinturas, por reconhecer neste professor-autor uma gama de profundos sentimentos emaranhados aos seus renomados apontamentos epistemológicos. Enxergamos nas linhas de suas obras um refinado estilo linguístico da língua portuguesa capaz de desvelar suas pesadas reflexões sociais, pedagógicas e ontológicas, por vezes, de forma que se transforma em literatura, em arte:

Não comete pecado contra a seriedade científica quem trata bem a palavra para não ferir o ouvido e o bom gosto de quem lê ou ouve o seu discurso e que, nem por isso, pode ser acusado de “retórico” ou de ter caído na fascinação de uma elegância linguística como fim em si mesma (FREIRE, 2015, p. 101).

Mais importantes que o estilo que Freire utilizou em suas obras estão às sistematizações de suas pedagogias revolucionárias. Por meio destas pedagogias

Freire defende a práxis, simbiose indissociável da teoria e da prática, como meio para a reflexão e a ação sobre o mundo. Tendo a perspectiva de, ao conhecer este mundo e as suas imbricações sociais, poder atuar de forma positiva na luta contra as forças que expropriam os trabalhadores dos frutos de suas produções, que impedem as classes menos abastadas de terem acesso aos estudos reflexivos dialéticos capazes de possibilitar aos sujeitos a busca pelo estado de Ser Mais² (FREIRE, 2021b).

Na junção destes elementos supracitados este trabalho traz uma forma artística para a apreciação dos conteúdos, junto a uma reflexão narrativa em diálogo com os autores. Estas reflexões que compõe o desenvolvimento deste trabalho vêm como forma de contextualizar o processo criativo tido em cada composição. Por fim, após as análises das obras, trouxemos alguns relatórios das aulas modulares do curso. Feitos em forma de desenhos a grafite, carvão e caneta nanquim, estes relatórios são desenhos onde o autor procurou sintetizar algumas das aulas da especialização. Estes desenhos são acompanhados de breves relatos explicando o contexto de cada aula e como se dera o processo criativo para a composição.

3. Apontamentos sobre a educação do campo.

O curso de licenciatura em Educação do Campo atua na articulação e formação, em variadas habilitações, das forças contrárias a hegemonia do poder do capital sobre as riquezas naturais pertencentes, por justiça, a todo e a toda cidadã brasileira. Seu desenvolvimento está atrelado às políticas públicas advindas dos movimentos sociais que galgaram, a duras penas, uma educação para os povos dos campos, das águas e das florestas que seja de qualidade e baseada nos princípios filosóficos e pedagógicos capazes de formar seres autônomos, conhecedores e atuantes de sua realidade (PAULA *et al.*, 2021).

Nesta luta de muitos contra poucos, as comunidades camponesas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, faxinalenses, caboclas, entre outras, ainda que de formas distintas e variadas, padecem sob o julgo do mesmo mal: o avanço do agronegócio (PAULA *et al.*, 2021).

² Estado que possibilita o indivíduo a continua luta pela construção de si próprio. Possibilidade esta somente atingível pela práxis educativa e pela necessária atuação pela transformação do *status quo* que limita a possibilidade do Ser Mais (FREIRE, 2016b).

Historicamente os latifundiários vêm usurpando dos povos originários da terra o direito ao seu território. Território esse que não configura apenas o lugar destes povos nação, mas também encerra o seu modo de vida, logo, seu trabalho que para além de sua subsistência gera, também, seus conhecimentos. Os latifundiários, que outrora eram os senhores das sesmarias, atuam agora com a alcunha dos empresários do agronegócio. No campo, os instrumentos de produção capitalista não diferem, em sua essência, dos aparatos urbanos: monopólios, em suas variadas formas e concentrados nas mãos de poucos. Desta maneira, passam a atuar como meios de dominação sob os trabalhadores e trabalhadoras que só possuem sua força de trabalho para sobreviver; em ambos os campos os aparatos capitalistas da burguesia necessitam ciclicamente reelaborar seus instrumentos de produção, logo, as relações sociais de produção, para continuarem hegemônicos (ENGELS, MARX. 2012). Com a influência do neoliberalismo, as atuações do agronegócio sobre o campo têm se tornado cada vez mais multifacetado em suas estratégias. Possuidores de redes de influência para dentro da esfera pública, suas vontades passam a se tornar políticas públicas que usam da riqueza comum para interesses particulares:

Programas governamentais de desenvolvimento, grandes obras (estradas, barragens), titulação de terras com certidões negativas (que dizem não existir índios nas terras) são emitidas pelos órgãos públicos e por particulares. Grileiros agem impunemente, procurando tomar terras indígenas (OLIVEIRA, 1999, p. 58).

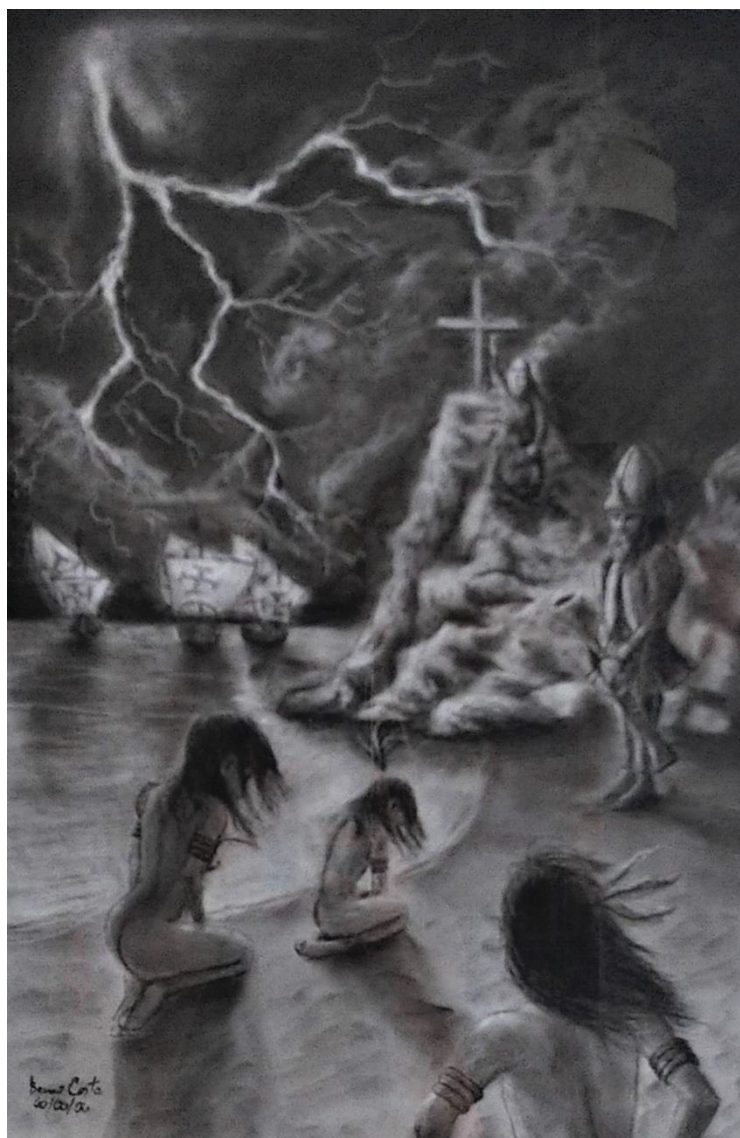
Após roubar as terras de seus donos originários, ceifam a flora e a fauna local para o desenvolvimento das monoculturas (hoje atreladas ao mercado internacional como *comodities*), da pecuária ou para a mineração, iniciando um impulso produtivo que vende uma propagando de progresso tecnológico e produtivo do, e para o, campo, mas que, em realidade, faz parte de um ciclo dinâmico de empobrecimento das possibilidades destas áreas, seja pela concorrência de produtos que os substituem, seja pela desertificação da terra ou mesmo pelo surgimento de áreas mais produtivas. O latifúndio, em suas formas remotas ou nas atuais, é a expressão pura do *modus operandi* capitalista explorando os recursos naturais e humanos de forma desastrosa até o seu limite: “O latifúndio integra, às vezes como Rei Sol, uma constelação de poder que, na feliz expressão de Maza Zavala, multiplica os famintos, mas não os pães” (GALEANO, 2020, p. 181).

Comprometidos em lutar contra este cenário secular de opressão sobre os trabalhadores e as trabalhadoras do campo, bem como em outros tantos desafios, a Educação do Campo tem o propósito de desenvolver um projeto sociopolítico, econômico e cultural para a nação por meio, principalmente, da formação de educadores e educadoras atuantes das escolas do campo, das ilhas, quilombolas e indígenas comprometidos em agir na mudança desta conjuntura. Para tanto, se faz necessário à luz do conhecimento de seus direitos, que estas pessoas se engajem e fomentem a luta contra o fechamento das escolas do campo; na articulação de políticas educacionais que remontem os princípios filosóficos de suas origens e no fortalecimento das comunidades tradicionais que resistem aos avanços do capital (PAULA *et al.*, 2021).

3.1 Análise das obras

Na arte, as formas expressivas são sempre formas de estilo, formas de linguagem, formas de condensação de experiências, formas poéticas (e, nesse sentido, também as palavras, das poesias, ou de níveis poéticos, devem ser entendidas como formas verbais). Nelas se fundem a uma só vez o particular e o geral, a visão individual do artista e a da cultura em que vive, expressando assim certas vivências pessoais que se tornam possíveis em determinados contexto cultural (OSTROWER, 2013, p. 45).

1) “Primeira atividade extensionista europeia em terras brasileiras.”



Fonte: Costa (2023)

Ficha técnica: Carvão sobre papel Hahnemühle 190g/m² 29,7 x 42 cm

Assim é que toda invasão cultural pressupõe a conquista, a manipulação e o messianismo de quem invade (FREIRE, 2011, p. 49).

Bem se sentem aqueles que estendem as suas mãos carregadas com as suas verdades para outras almas que não tiverem, até então, por destino da providência, as chances de conhecer tais revelações.

Aqueles que estendem as verdades que lhes foram inculcadas durante toda uma vida, se comprazem no benevolente sentimento que proporciona o ato de transmitir sua cultura superior para substituir as crenças da cultura daqueles que recebem uma nova visão de mundo.

Nesta tarefa vertical de transmissão de informações, que insistem em denominá-la como ato educativo, há uma condição, por parte de quem estende os informes, em negar naquele que recebe, a condição de seres pensantes capazes de refletir e de possuir um saber, negando assim, a própria condição de humanidade. Tanto a humanidade de quem recebe o conhecimento é negada por aqueles que a transmitem, como também, se deslegitima a humanidade de quem transmite, pois não há humanidade naqueles que negam o desenvolvimento humano aos outros:

É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da vocação. Não sou se você não é, não sou, sobre tudo, se proíbo você de ser (FREIRE, 2015, p. 138).

Uma educação que parta do princípio de que um conhecimento possa se prolongar de um intelecto a outro apenas reproduz, de forma mecânica, a troca de informes pré-estabelecidos. Onde se subentende apenas uma via de ida, sem volta, a informação não é trabalhada, é imposta, ou seja, a educação, assim realizada, é apenas uma reprodução de força:

Daí que, em seu “campo associativo”, o termo “extensão” se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanismo, invasão cultural, manipulação etc (FREIRE, 2011, p. 20).

A força desta sentença atinge tanto os agentes que usam dos processos institucionalizados da educação como meio de perpetuação do *status quo*, por isso opressores, como também, aos educadores progressistas que se deixam levar pela licenciosidade que a facilidade de uma aula baseada em transmissões de informações

arremete, mesmo sendo essas informações válidas para o desenvolvimento da realidade objetiva do estudante ou da estudante. Uma vez que o conhecimento não seja dialético no fluxo de uma consciência a outra, não haverá apreensão de conhecimentos a serem utilizados por aqueles que aprendem, gerando assim, seres miméticos que apenas copiam, reproduzem sem bem saber o que estão a fazer e, principalmente, sem saberem o porquê estão fazendo:

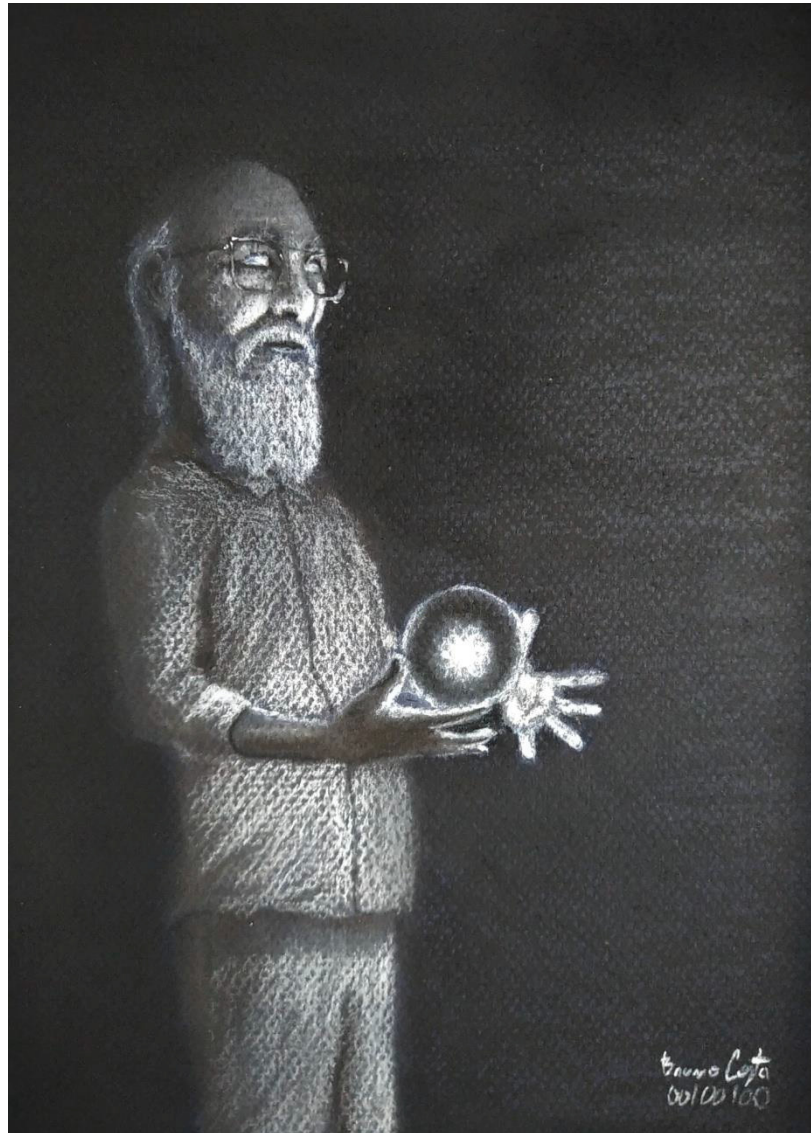
Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido apreendendo a situações existenciais concretas (FREIRE, 2011, p. 29).

O processo educativo baseado em uma prática de liberdade utiliza do conhecimento como meio para que o diálogo arremetido pelo tema possa construir novas arguições de forma coletiva. Neste processo é fundamental que qualquer conteúdo aplicado, seja ele de cunho técnico ou humanístico, seja utilizado como reflexão filosófica, pois, é por meio dela que se pode vislumbrar o porquê de uma ação (FREIRE, 2011). Sobre o questionamento filosófico nas palavras de MORIN (2015, p. 31): “Não se trata de uma disciplina, não possui compartimentos, ela problematiza tudo o que depende da experiência humana.”

Como fruto do estudo e das reflexões trazidas da prática educativa dialógica pautada pela práxis freireana incidindo sobre o processo de ensino extensionista³, bem pode ser que surja no íntimo do educador ou da educadora que sobre este tema venha a refletir pela primeira vez, uma estranha sensação de dicotomia de sentimentos, sendo: a primeira, jubilosa por ter compreendido uma nova visão de educação que prima pela construção mútua do conhecimento, uma prática de liberdade; a segunda sensação, por sua vez, de receio, mesmo um incomodo, causado por uma dúvida que surge como um eco confuso em nossa consciência: - será que a prática educativa que aplico não é extensionista?

³ Para este trabalho atribuímos sobre o ensino extensionista as críticas tecidas na obra de Freire (2011), para reverberar ao sentido da construção visual junto à narrativa do texto. Não generalizamos, no contexto geral, a todo trabalho extensionista tais críticas.

2) Luz dialética do conhecimento



Fonte: Costa (2023)

Ficha técnica: Pastel seco sobre papel Mi-Teintes 160g/m² 21 x 29,7 cm

Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída (FREIRE, 2015, p. 14).

Começamos estas reflexões com ponderações diretas e indiretas sobre os conceitos de trabalho, conhecimento e autonomia.

Para RAMOS (2007), conhecimento é fruto do trabalho humano que, para além de sua subsistência, ao interagir com a natureza concreta gera um mundo conceitual

chamado de cultura, com seus preceitos éticos e estéticos que orientam a sociedade. Também ANTUNES (2018, p. 112) trata sobre o trabalho ontológico:

Por meio do trabalho ocorre uma dupla transformação, uma vez que o ser social que trabalha atua sobre a natureza; desenvolve as potências nela existentes, ao mesmo tempo em que ele mesmo se auto-transforma. É por meio dessa complexa processualidade que o trabalho humano-social se converte em elemento central do desenvolvimento da sociedade humana.

Assim, segundo OSTROWER (2014), cada pessoa pensa e age de acordo com os propósitos de sua cultura. Onde se decorre a indagação: se o trabalho de um determinado cidadão for uma atividade, em si, alienante⁴, também o seu saber o será?

Compreendemos que os trabalhadores e trabalhadoras podem ser definidos como a massa de homens e mulheres que, para poderem sobreviver, necessitam vender sua mão de obra por não possuírem os meios de produção (ENGELS, MARX. 2012). Mas, no advento da sociedade pós-moderna do século XXI, com as revoluções digitais que permutam o estilo de vida humano, terão as relações trabalhistas, também, reformulado suas condições?

Dadas as profundas metamorfoses ocorridas no mundo produtivo do capitalismo contemporâneo, o conceito ampliado de classe trabalhadora, em sua morfologia, deve incorporar a totalidade dos trabalhadores e trabalhadoras, cada vez mais integrados as cadeias produtivas globais, e que vendem sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário, sendo pagos por capital-dinheiro, não importando se as atividades que realizam sejam predominantemente materiais ou imateriais, mais ou menos regulamentadas (ANTUNES, 2018, p. 31).

Constatamos que o advento da tecnologia não desprende a atividade humana da relação reificada da venda, contratual ou não, de sua força de trabalho para sua subsistência e, conseqüentemente, para o acúmulo de capital para os donos dos meios de produção. Para além da histórica relação de poder dos senhores para com os proletários, eivada de contradições e de relações exploratórias, HAN (2017, p. 46-47) constata uma introjeção do senhorio na psique dos trabalhadores e trabalhadoras deste novo século:

⁴ Compreendendo no termo ideologia como forma de dissimulação dos conflitos de classe entre opressores e oprimidos (COTRIM, 2002). Conceito evidenciado no trecho da filósofa (CHAUÍ, 1980, P. 25): “A lógica ideológica só pode manter-se pela ocultação de sua gênese, isto é, a divisão de classes, pois sendo missão das ideologias dissimular a existência dessa divisão, uma ideologia que revelasse sua própria origem se autodestruiria.”

A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos. Com isso a exploração é possível mesmo sem senhorio.

FREIRE (2021) em seu conceito de “aderência” atesta para o fato dos oprimidos, sem uma educação libertadora pautada pela práxis, ao invés de almejavem a superação da relação exploratória opressor-oprimidos, por meio da libertação de todos, ansiarem o objetivo imediato de saírem da condição de explorados para se tornarem opressores. Como se a lógica exploratória fosse uma condição inata pela qual nada se pudesse fazer para combatê-la, restando somente à alternativa de melhor se situar nessa sociedade desigual.

O que representaria para aqueles que lucram com a expropriação dos frutos dos trabalhadores e trabalhadoras o conhecimento, a luz, de que estão sendo vítimas de uma nova forma de escravidão? Escravidão esta, como fora a dos séculos das grandes navegações, respaldada pelo estado. De que forma esses acumuladores do lucro advindo das massas de proletários agiriam diante uma pedagogia capaz de revelar a eles e a elas, trabalhadores que produzem os bens materiais e imateriais da sociedade, que essa realidade é opressora e que, principalmente, como mostra a história, ela não está dada, e pode, por isso mesmo, ser transformada em benefício dos que agora são oprimidos?

Daí que desprendemos a luz da esperança que o conhecimento de pedagogias como a de FREIRE (2021) pode lançar a escuridão que a alienação do *modus opredandi* do capital vem atuando sobre nós, trabalhadores e trabalhadoras do século XXI, transformados pelo capitalismo pós-moderno em vítimas e algozes de nós mesmos.

3) In-concluso



Fonte: COSTA (2023)

Ficha técnica: Técnica mista - grafite e nanquim sobre A4; 75g/m²

Homens e mulheres, ao longo da história, vimo-nos tornando animais deusas especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como inconclusos, limitados, condicionados, históricos (FREIRE, 2015, p. 138).

Desde que nascemos somos expostos a um fluxo contínuo de informações das naturezas mais variadas possíveis. De forma direta ou subliminar essas informações tentam ditar as diretrizes do que devemos e do que não devemos acreditar. Elas nos influenciam naquilo que deveríamos gostar e, também, daquilo que se deveria ter repúdio. Daquilo pelo que se deve, ao preço de nossa saúde, gastar sua vida tentando

conquistar, e, também, do que se faz necessário relegar para o fim da vida, na chamada terceira idade.

Se em épocas passadas, na qual a tecnologia ainda não havia conectado o mundo por meio de um aparelho em tempo real, e nem havia concentrado um fluxo inconcebível de informações atualizadas minuto a minuto, nós, seres humanos, já claudicávamos na concepção de uma sociedade coesa feita por individualidades de psiques saudáveis, quem dirá nessa pós-modernidade com a interconectividade cada vez mais complexa:

Na nossa vida consciente estamos expostos a todo o tipo de influências. As pessoas nos estimulam ou nos deprimem, ocorrências na vida profissional e social desviam a nossa atenção. Todas essas influências podem levar-nos a caminhos opostos à nossa individualidade; e quer percebamos ou não o seu efeito, nossa consciência é perturbada e exposta, quase sem defesa, a esses incidentes (JUNG, 2008, p. 56).

Sob o pressuposto de que vivemos em uma sociedade de indivíduos majoritariamente objetivados na conquista de desígnios externos à vontade própria, intuitos estes desnecessárias para a sobrevivência básica, uma sociedade pautada no consumo irrefreado de bens de consumos materiais e imateriais, como impera no ideário da sociedade capitalista, indagamos se esse modelo de sociedade não tende a distanciar seus adeptos de si mesmos, uma vez que seus desejos e vontades não atendem aos chamados internos de si? Questionamos, também, se desta forma, esta sociedade e, principalmente, os detentores da roda capitalista, os donos dos meios de produção, que necessitam do vertiginoso aumento de consumo de forma ininterrupta, não tendem a se perpetuar em suas posições? E não seria uma estratégia altamente eficaz o engodo de inculcar na massa o medo ao fracasso social, para que o povo, diariamente, se digladie por uma posição de destaque?

É imperioso irmos além de sociedades cujas estruturas geram ideologias de acordo com o qual a responsabilidade pelos fracassos e insucessos que elas mesmo criam pertençam aos fracassados enquanto indivíduos, e não às estruturas ou à maneira como funciona a sociedade (FREIRE, 2015, p. 216).

E o preço deste *status quo* é o empobrecimento do estímulo ao desenvolvimento das personalidades individuais, construídas por meio da desconstrução, por meio da inovação no modo de pensar e agir, por meio do risco,

consequentemente, pelos sucessivos fracassos que acomete quem se lança ao desafio pelo novo. E a escolha por essa jornada de sucessivas frustrações é justamente o desígnio da busca à liberdade, que invariavelmente vai culminar pela necessidade de justiça social. A mudança paradigmática da sociedade passa pela desconstrução e reconstrução contínua dos alicerces de certezas que balizam as ações humanas. A história humana é uma reinvenção sucessiva das curiosidades que movem os homens e as mulheres na busca pela decodificação dos fenômenos naturais e sociais. O movimento interno, que se joga ao caos na busca pela ordem, é a força motriz da criatividade que reinventa o trabalho e culmina na cultura, e que sempre se encontra em estado permanente de reelaboração.

Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem riscos, assumidos ou não, quer dizer, riscos de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente (FREIRE, 2021, p. 32).

Importante também refletirmos sobre a necessária condição do erro como elemento pedagógico. É necessário ter coragem para assumir a possibilidade do erro. Porém, não basta errar. Para que o erro seja fecundo, é necessário examinar suas causas, esmiuçar suas razões para que se evite a repetição, desta forma, consolidando um aprendizado pautado em experiência prática e na análise. Nisso se há de ter um pouco de loucura, que impila a coragem de repetidamente estar de prontidão para se recomeçar (MORIN 2015).

Reiteramos que a personalidade individual não deveria ser tratada como algo posto, um quantitativo fixo, ou uma programação genética pré-estabelecida, ainda que dela faça parte (OSTROWER 2013). Pensamos em nossa individualidade, naquilo que nos codifica enquanto pessoas, nossa chamada personalidade, como um reflexo do próprio universo mobilista. Nascente incessante que transcorre suas águas ininterruptamente pelas veredas do devir.

4) Colcha mística



Fonte: COSTA (2023)

Ficha técnica: Aquarela sobre papel algodão 300g/m² 27 x 19 cm.

A mística da causa popular é o segredo plantado na alma das pessoas, é a força interior que impulsiona a militância, nos momentos de dor, de dúvidas e de derrotas. Sabemos que militante triste é um triste militante. Sua mística está presente na alegria de viver, na disposição para a luta, na esperança sem ilusões, no canto, nos símbolos, na beleza do ambiente, nas celebrações. Essa energia vital se expressa em gestos e atitudes, individuais e coletivas, que revelam, desde já, o sabor da convivência sonhada para todo o povo (PELOSO; *et al*, 2012, p. 88).

Na boca dos espectros que residem nos suntuosos palacetes e mansardas situados à direita do mundo, há sempre uma preocupação em sussurrar uma duvidosa difamação para com os movimentos sociais. Movimentos esses, não por acaso, engajados na transformação deste modelo de sociedade injusta para um modelo cooperativo. Estes sussurros alimentam a principal fonte de medo e desconfiança sentidos por aqueles e aquelas que nunca conheceram minimamente estes movimentos, os quais, reiteramos: nada mais querem do que lhes é de pleno direito,

para si, para a coletividade humana e para o meio natural. Estes sussurros geram uma falseabilidade da verdade capaz de inflar os fanáticos, de incendiar os fundamentalistas e afastar, por meio de suas narrativas tendencialistas e criminosas, as pessoas que estiverem desprovidas de senso crítico para perceber a maldade por detrás destes discursos. Estes fantasmas reais fazem uma mistificação do real (PELOSO *et al*, 2012).

Os movimentos sociais surgem como resposta contrária à ação empregada pela burguesia, que vem, historicamente, subjugando a massa popular. O laço que une o povo que luta por uma moradia, pelo alimento diário e pela sobrevivência é invisível e inquebrável. Invisível aos olhos de quem não conhece estas dores, e por isso, impossível de ser quebrado por quem não as sentem. Este laço, este fio invisível, forma a misteriosa obra mística popular.

A obra mística popular, que nada tem de mistificação, é como um novelo de lã invisível a envolver os corações em uma mesma trama de tecido. Este pequeno pedaço de pano tem certo poder místico de se juntar a tantos outros pequenos pedaços de corações emaranhando uma imensa colcha de retalhos, retalhos estes plurais. Está colcha, invisível aos olhos, mas que esquentar e anima o fogo interno das almas abertas à mudança, ao novo, à esperança e à utopia, nos protege do frio que entorpece os corpos e impede a luta pelo novo mundo; esta colcha acalenta as almas esvaziadas pela tristeza da injustiça, trazendo sangue novo para os corações que vibram em uma frequência mais humana. A colcha mística faz do sonho coletivo um sentimento real em cada coração que a toca e nela esquentar seu espírito de luta, que desperta sua sede por justiça.

Aos fios resistentes que vivem inda soltos ao vento, saibam que o fio que se junta em uma colcha nunca deixa de ser fio, e sendo fio, por meio da trama forte com outras infinidades de fios, passa a ser parte de uma colcha mística de poder imensurável. Ela nos prende a um território no lado esquerdo do peito, edificando fundo no coração a responsabilidade com a justiça, ao passo que nos liberta a alma. Amarra-se!

5) Cesta celeste da Terra sem Males



Fonte: COSTA (2023)

Ficha técnica: Óleo sobre tela 70 x 50 cm.

Nesta nossa sociedade escrita, em que dizemos, dialogamos e comunicamos por escrito, esse esforço parece inevitável. Ao contrário, a sociedade Guaraní, assim como outras sociedades ágrafas, tem na palavra oral a sua força e forma criativa de expressão e transmissão, o que, por seu lado, exige um pensamento organizado e traduzível em expressões e conceitos definidos, palavras que fluem com seu próprio significado (LADEIRA, 2008, p. 28).

Historicamente contatados pelos colonizadores no século XVI, o grupo étnico Guaraní divide-se em três subgrupos nestas terras alcinhas de Brasil, são elas:

Mbyá, Kaiowá e Ñandeva (NEGRO *et al*, 2019). Trataremos adiante detalhes sobre as características atuais dos remanescentes da nação Guaraní Mbyá do território nacional.

Atualmente presentes, principalmente, em aldeias localizadas das regiões litorâneas do Sudoeste ao Sul do país e também nas regiões serranas da Mata Atlântica, possuem na linguagem uma significação ritualística, com diferenciação da linguagem usada corriqueiramente (ayvu) da linguagem usada em seus cerimoniais (ayvuporã), traduzível como “belas palavras”. Palavras estas advindas por meio de revelação divina para os líderes religiosos, que são apenas pronunciadas nas ocasiões especiais da cultura Mbyá (NEGRO *et al*, 2019).

Caracterizam-se como um povo peregrino, que estão sempre à procura da terra sem males (yvymarãey), paraíso alcançado somente por aqueles que atravessarem “a grande água”. Ao ocupar um novo território, pelo qual são guiados por meio das revelações tidas pelos líderes em seus sonhos, recriam suas tradições (NEGRO *et al*, 2019).

Este pesquisador Jurua⁵ está tendo uma oportunidade de conhecer os Guaranis Mbyás por meio de sua esposa, que leciona a disciplina de artes na Escola Estadual Indígena Guavira Poty, no balneário de Shangri-lá, em Pontal do Paraná. Apenas na função de motorista, que, semanalmente, leva e busca a professora de artes das crianças guaranis, tenho conhecido pequenos detalhes desta cultura por meio dos causos pedagógicos em que travamos como professores e companheiros de vida em nosso lar.

Sobre o signo do respeito para com esse povo nação, historicamente tão assediada pela cultura eurocêntrica, nenhuma consideração reflexiva faço na perspectiva de comparar uma cultura à outra. O que aqui emprego, sob a forma artística, é a influência do olhar Guaraní para com o mundo sem males.

4. RELATÓRIOS

⁵ “Os Guaranis Mbyás referem-se aos brancos como juruas. Não se sabe ao certo desde quando empregaram este termo, porém, hoje, ele tem uso correto e parece destituído de seu sentido original. Jurua quer dizer, literalmente, ‘boca com cabelo’, uma referência à barba e ao bigode dos europeus portugueses e espanhóis conquistadores (LADEIRA, 2008, p. 28).

Durante a etapa presencial do Módulo Território e Questão Agrária, realizada entre os dias onze e vinte de três de Julho de 2022, nós, alunos e alunas do EDUCRB fomos recebidos na Escola Latino Americana de Agroecologia⁶ (ELLA). E ali pela primeira vez fomos formalmente apresentados. Até então, nossos encontros haviam se dado de maneira remota, em virtude dos anos pandêmicos em que recentemente a humanidade padeceu.

Esse encontro se deu na sala de aula, mais exatamente na plenária da ELLA, sala em forma de anfiteatro, de estrutura modesta, que foi erguida por meio de mutirões dos trabalhadores do movimento. Modesta somente na estrutura, pois é extremamente rica nos detalhes. Já na entrada da plenária uma maquete, protegida em uma ampla mesa de vidro, mostra toda a área do assentamento. Dependuradas e pintadas pelas paredes muitas artes exaltam os símbolos da luta popular com suas cores vibrantes. Em preto e branco, vários cartazes com retratos dos educadores populares que formam a base de estudo do curso. Naquela segunda-feira em que chegamos com o ônibus da universidade, fomos recebidos calorosamente pelos assentados nesta plenária. Muitos de nós presenciamos pela primeira vez uma mística de abertura feita ao redor da mesa ornada com bonitas fazendas, repletas de frutos, flores e livros. Acabada a recepção fomos apresentados ao refeitório e aos nossos alojamentos, os três espaços em que viveríamos nos dias que seguiriam.

Na terça-feira cedo tivemos nossa primeira aula na plenária. Passamos então a ver o que o computador não nos permitia nas aulas remotas: nossos colegas e professores em uma sala de aula tradicional, ao vivo, ainda que de máscaras e distantes uns dos outros, respeitando as normativas sanitárias. E desta maneira foi possível ver o comportamento de vários colegas e professores durante essa velha e necessária prática da aula em sala de aula. Em algumas mesas víamos cadernos, canetas, cuias, pacote de *Ilex Paraguariensis* e garrafas térmicas. Em outras tão e somente uma pequena caderneta fornecida pelo curso munida de um singelo lápis de escrever. E na mesa deste autor que vos narra, todos apertavam os olhos para tentar entender o que era aquela carteira cheia de lápis, borrachas e apontadores.

⁶ Localizado dentro do Assentamento do Contestado, comunidade do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, no município da Lapa, a ELLA é uma iniciativa da Via Campesina que recebe militantes da América Latina e Caribe para que possam aprender e disseminar agroecologia.

Antes de começar a dedicar-me no estudo e na prática das artes, comecei a ter o costume de desenhar durante as aulas da graduação. Ainda que percebesse que alguns professores tomassem isso como uma atitude desrespeitosa, continuei desenhando durante as aulas em que tenho presenciado de lá para cá. E o faço sem sentir que desrespeito o papel do professor ou da professora que leciona a aula, uma vez que meus sentidos ficam atentos ao conteúdo.

Durante o período de aulas concentradas na ELLA, tínhamos, costumeiramente, um dia inteiro de aulas com um mesmo professor ou professora com sua temática específica. Já na terça-feira, na primeira de nossas aulas, durante o decorrer do dia pensei em, durante a aula, tentar fazer um desenho que trouxesse um pouco sobre aquele dia, sobre aquela aula. Desta forma continuei nos dias decorrentes do módulo tentando criar uma imagem para entregar para cada professor e professora que nos presenteava com suas sempre interessantíssimas aulas. Falhando apenas nos últimos dias, em virtude de um cansaço da rotina concentrada, e, falhei também, em registrar alguns destes desenhos antes de entregá-los para o professor ou professora do dia. Nas próximas páginas estarão alguns destes exercícios que foram previamente registrados, ou solicitamente encaminhados posteriormente pelos professores. Junto a eles descreverei brevemente seu contexto.

6) Homem Caranguejo



Fonte: HARDER (2023)

Aula 13/07/2022: Josué de Castro: Homem e Caranguejos (Eduardo Harder – UFPR).

Fiquei feliz com esse retrato antropomórfico do Professor Eduardo Harder por ver nele um pouco do olhar solícito que este grande professor nos mostrou já em sua primeira aula remota. Aula em que, virtualmente, recebeu a todos nós, gentilmente, da cozinha de sua casa, issono módulo anterior ao período no ELLA.

No dia do nosso encontro no assentamento o Professor Harder iria nos dar a segunda de nossas aulas. Lembro-me que havíamos passado por uma intensa aula

sobre imperialismo onde, fatalmente, os ânimos ficaram mexidos, no dia anterior. E contrabalanceando os sentimentos nos chegou Eduardo, ao seu estilo mais para satyagraha sobre temas delicados. Sua aula foi criando uma atmosfera mais tranquila durante aquela manhã. E talvez essa tranquilidade, junto à leitura de trechos da obra de Josué de Castro que fizemos conjuntamente, tenha inspirado a muitos colegas a fazerem falas mais pessoais, narrando as suas histórias e a de seus territórios, tivemos também algumas leituras de textos autorais. E foi mais ou menos este o sentimento que ficou daquele dia, um sentimento acolhedor, uma metamorfose de ânimos do homem caranguejo!

7) Persistência da Teoria



Fonte: COSTA (2023)

Aula18/07/2023: Território e Questão Agrária (Ariovaldo Umbelino - USP)

Incumbido de dar a aula que leva o nome de todo o módulo, o renomado Professor Ariovaldo Umbelino pareceu-me, à primeira vista, algo semelhante a meu pai. Um Senhor de cabelos alvos e fala forte que nos deu uma aula repleta de temas delicados e imbricados das relações de trabalho capitalista sobre a produção na agricultura junto às contradições da terra/capital. Além de algumas correntes teóricas aplicadas ao campo, geografias da agricultura e inda outros conceitos que fizeram destes dias deveras cansativos.

O desenho feito para o Professor Ariovaldo fora entregue a ele no final de sua aula, e ao pegar o papel em mãos e olhar para o desenho o velho professor abriu um pouco mais seus olhos por detrás das lentes e fez o que as pessoas costumam fazer ao ver um desenho destas características: olhou um tempo, pensou um pouco, e, por fim, talvez sem saber bem o que falar, agradeceu.

Agrada-me ver as diferentes reações das pessoas diante destes tipos de desenhos que parecem trazer algum significado oculto imbricado em sua composição. Com seus elementos que podem até suscitar uma ideia surrealista, ao pairar diante certas personalidades mais investigativas e loquazes, é incrível e engraçado ouvir as deliberações das pessoas e os significados que elas encontram, ou criam, com seus relatos iconográficos tecidos do despretenhoso desenho. Digo engraçado por ter sido quem fez o desenho e por saber exatamente o que há por trás da composição. E antes de dizer a suposta teoria que embasou este desenho, gostaria de contar um caso sobre a composição de “A Persistência da Memória”, tela composta em 1931, por Salvador Dalí.

Talvez a mais iconográfica produção de Dalí e mesmo de todo o movimento surrealista, esta composição do pintor espanhol é a junção de vários ícones já previamente por ele trabalhados em outras telas. Tanto a paisagem rochosa ao fundo, a cabeça flácida em primeiro plano, a região desértica, as formigas e os relógios orgânicos e moles já haviam sido todas trabalhadas em outras telas em diferentes contextos. Frutos do método “paranóico-crítico” desenvolvido pelo pintor, o significado desta tela segue controverso e fantasioso.

Se Salvador Dalí tinha alguma teoria por detrás de sua composição somente ele poderia nos dizer. Já este estudante que passa as suas aulas a desenhar pode, com certeza, afirmar que nenhuma das teorias que acompanham este singelo desenho pertencem às teorias proferidas pelo Professor Ariovaldo em sua aula. Teorias estas que não entraram nem no desenho e, talvez, nem na mente deste aluno pouco afeito a rigorosidade dos conceitos filosóficos. Os elementos do desenho foram apenas exercícios de perspectiva, sombras e enquadramento com enxutos elementos compositivos, nada mais. Embora hoje, para este aluno que padecia diante os complicados slides, estes elementos do desenho pareçam ganhar um significado até então despercebido. Que seria algo como uma pergunta dirigida ao próprio tempo: talvez indagando quantas teorias ainda aquele nobre professor iria nos trazer em seu fluxo aparentemente infinito!

8) *Ilex Paraguariensis*



Fonte: COSTA (2023)

Aula: 19/07/2023: Território e Questão Agrária (Vanessa Fiorini - UFPR)

A Professora Vanessa Fiorini acompanhou o Professor Ariovaldo Umbelino na temática do Território e Questão Agrária. Acompanhando presencialmente os dois dias de aula do Professor, para no terceiro dia dar a sua aula. E foi uma importante aula em que ela revisitou alguns dos temas levantados por Ariovaldo em que a densidade do tema bem pedia uma atenção especial. Além de adentrar nos conceitos orgânicos em Antonio Gramsci e seus cadernos do cárcere.

Retratei a Professora Vanessa tomando seu chimarrão por ser esta a única hora em que a Professora parava por um tempo na mesma posição. Muito participativa, mesmo durante as aulas do Professor Umbelino. Na sua própria aula andava por toda a sala discorrendo sobre o assunto. Parando somente quando alguém pedia a fala, hora em que a professora revigorava com a água quente o seu mate e sentava para sorver o líquido de sua cuia. Dando raras oportunidades para tirar as dúvidas no instigante exercício do retrato.

9) Trabalho de Base



Fonte: BATISTA (2023)

Aula 14/07/2023 Trabalho de Base (Ândrea F. Batista – UFPR).

Este fora um dia especialmente frio em que a permanência na plenária, lugar de muitas entradas de vento, era difícil principalmente para os menos acostumados às baixas temperaturas. De modo que pela democrática vontade da maioria mudamos nosso dia letivo para uma clássica sala de aula de menor tamanho. Devidamente dispostos em roda na pequena sala, todos ficamos com o coração mais quente quando cada aluno e aluna receberam da professora Ândrea um belo presente: uma bonita e recente edição de *Pedagogia do Oprimido*.

Munidos desta obra prima do patrono da educação brasileira entramos adentro das teorias das pedagogias freireanas mediados pela Professora Ândrea. Lembro desta aula em que todos nós ficamos mais próximos e, por estarmos dispostos em roda, podíamos nos ver sem muita dificuldade. Diferentemente da plenária onde ficávamos dispostos aleatoriamente e bem distantes entre si. E essa chance de nos olharmos enquanto discutíamos a densas teorias de Paulo Freire talvez nos tenha ajudado a construir uma aula muito participativa, em que muitas e diferentes visões sobre os conceitos foram debatidos.

Junto ao livro de Paulo Freire ganhamos também um exemplar do livro *Trabalho de Base* com a organização de Ranulfo Peloso. E talvez ao ler algumas páginas desta obra que tenha começado a sentir, mais que a entender, a práxis do curso da especialização. E nesse primeiro sentimento que um já começado desenho da Professora começou a ganhar, paulatinamente, seus elementos. Fora um dia intenso, que terminou com uma satisfação daquelas que carrega a alma depois de um dia de boa aprendizagem.

10) O Parto



Bruno Coto
20/09/00

Aula 14/07/2023 Trabalho de Base (Ândrea F. Batista – UFPR).

Este desenho é uma obra que ganha significado ao se ler o seu texto inspirador.

Obra de Eduardo Galeano intitulado O Parto, trabalhado na aula da Professora.

5. CONCLUSÕES

Cremos termos atingido o objetivo principal deste trabalho ao compor cinco produções artístico-visuais influenciadas nos apontamentos teóricos das obras de Paulo Freire e nas vivências proporcionadas no percurso formativo do Curso de Educação do Campo e realidade brasileira por meio de seus pensadores, atrelando a estas produções uma reflexão textual referenciada nas normas científicas.

Colocamos este trabalho como veículo aberto para oferecer uma nova proposta de reflexão e condensação do percurso formativo no âmbito acadêmico, sendo este signo, a arte, em especial, as artes visuais.

Vislumbramos no poder imagético das produções uma comunicação subjetiva capaz de proporcionar ao público uma reflexão que incida nas históricas relações conflituosas existentes entre os povos dos campos, das águas e das florestas na relação com os detentores do capital. Desta maneira, trabalhamos no intuito de ampliar as possibilidades dos saberes produzidos pela universidade para serem difundidos fora dos muros acadêmicos sob o signo da arte visual. Uma vez que estes saberes acadêmicos produzidos pelos pesquisadores e pesquisadoras acabam cerceados para a população que não possuam a afinidade com a linguagem acadêmica específica de cada área do conhecimento; seja pela falta de acesso a esta linguagem, ou mesmo pela hiper-especificação do conteúdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletário da era digital. 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

CHAUÍ, Marilena. Ideologia e educação. In: Revista Educação e Sociedade. São Paulo, nº 5, 1980.

COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas. 15. Ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Lafonte, 2012.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 15.ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com pedagogia do oprimido. – 22ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. – 6ª Ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____, Paulo. Pedagogia do oprimido. – 79ª Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

JUNG, Carl G. (Org.). O homem e seus símbolos. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LADEIRA, Maria Inês. Espaço Geográfico Guarani- Mbya: significado, constituição e uso – Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

HAN, Byung –Chul. Sociedade do cansaço; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MORIN, Edgar. Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação – Porto Alegre: Sulina, 2015.

NEGRO, Maurício (Org.). Nós: uma antologia de literatura indígena. – 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia das lutas no campo. São Paulo: Contexto, 1999.

OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. 1ª Ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

PAULA, Adalberto Penha de; [et al]. (Org.). Entre campo, águas e florestas: trajetórias e memórias da licenciatura em Educação do Campo na UFPR – Setor Litoral. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2021.

PELANDA, Rodrigo Ayres. O Porto – 1ª Ed. – Maringá: Viseu, 2022.

PELOSO, Ranulfo (Org.). Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis/ 1ª Ed, - São Paulo: Expressão Popular, 2012.

RAMOS, Marise. Concepções de ensino médio integrado. Disponível em <https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf> Acesso em 13/09/2023.